

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 2, n. 3, 2015

Prof. Heni Ozi Cukier

Prof. João Matta

Prof. Leão Serva

Prof. Pedro de Santi

Guga Chacra

**PROPAGANDA DO
TERROR**

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado

Presidente

Alexandre Gracioso

Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa

Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias

Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz

Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia

Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha

Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan

(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni

(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch

(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

Apresentação do debate.....	4
A propaganda, seus sentidos e seus impactos nas relações políticas... <i>Heni Ozi Cukier</i>	5
O poder da propaganda. Os medos do terror..... <i>João Matta</i>	7
A história, os ataques e a imagem do terrorismo..... <i>Leão Serva</i>	8
Entre o terror e a propaganda: violência primitiva e conectividade contemporânea..... <i>Pedro de Santi</i>	10
Os fatos ocultos..... <i>Guga Chacra</i>	12

PROPAGANDA DO TERROR



APRESENTAÇÃO DO DEBATE

O objetivo era bem claro: como discutir propaganda e terror, em diferentes versões? Mais que isso: como conviver com interpretações conflitantes sobre o vínculo dessas duas palavras? Foi exatamente a mistura que gerou tanto interesse no debate da noite de 12 de março de 2015, com as presenças dos professores Heni Ozi Cukier, João Matta, Leão Serva e Pedro de Santi, todos da ESPM. Com um debatedor de notória vivência no tema, o jornalista Guga

Chacra. A mediação do debate ficou por conta do professor Ismael Rocha. Esse evento foi uma “proposta coletiva”. Com esta frase de abertura, Ismael Rocha, Diretor Acadêmico da ESPM, informou que a iniciativa do debate foi feita a partir da expertise de três cursos, Comunicação, Jornalismo e Relações Internacionais e agradeceu o envolvimento direto dos coordenadores destes cursos, respectivamente, professor Paulo Cunha, professora Maria Elizabeth e dos professores Rodrigo Cintra e Marcelo Zorovich, destacando também o “apoio da Jane e da Silmara” que fazem parte da equipe de Marketing da ESPM.

Na apresentação do debate, Ismael Rocha lembrou “de um professor que tive quando eu estudei aqui na ESPM: o professor Nelson Garcia”. E continuou: “o Nelson era o diretor acadêmico na época que eu estudei aqui. Hoje, eu ocupo o lugar do Nelson com muito orgulho, com muita honra”. E continuou: “o Nelson

não está mais entre nós, mas nos anos 1980/1990, o Nelson foi uma referência num tema muito interessante, que era a Propaganda Ideológica. Lembrando do Nelson, eu entendi que poderíamos trazer para a ESPM uma discussão sobre a propaganda do terror. E entendi, naquele momento, que não existe outra escola no Brasil, hoje, em melhor condição e discutir esse tema do que a ESPM, a partir de diferentes prismas, a partir de diferentes leituras, pelos professores especialistas que têm nas mais diferentes áreas”. Esse evento foi construído a partir destas possibilidades disse Ismael, concluindo: quero agradecer aos professores, mas quero agradecer, particularmente, o Guga Chacra, que todos vocês, certamente, conhecem da Globo News e de outras atividades. Em seguida, os resumos das falas de cada um dos convidados, pela ordem de participação no evento:





HENI OZI CUKIER

Acho que vou começar, já que a ideia é a gente falar sobre a propaganda e o impacto que isso tem, com o sentido dessa propaganda e como que isso impacta as relações políticas e por que o Estado Islâmico usa isso. E para falar disso, tenho que fazer uma distinção ou começar falando sobre os tipos de poderes. E a gente tem dois tipos de poder: (a) o Hard Power, que é a força bruta; e (b) o Soft Power, que é a força de atração, o poder de conquistar. O Estado Islâmico brinca e usa essas duas forças, de forma necessária para a realidade do mundo de hoje.

Não dá para você ganhar uma guerra, hoje, na base só da força. Você precisa da narrativa certa, do discurso certo. E o Estado Islâmico usa a força em certos momentos e, em outros, vai trabalhar com essa ideia do discurso e da propaganda.

Quando a gente assiste aqueles vídeos, o Estado Islâmico está mandando duas mensagens para o mundo. A primeira é: “olha, eu sou forte, não mexam comigo e vai ter um impacto. Você é meu inimigo. Prepare-se, estou chegando”. Então, ele está tentando aterrorizar. É uma audiência, um público diferente para o qual ele está tentando mostrar alguma coisa.

Do outro lado, você tem uma mensagem que é de atração. Para quem? Para todos esses jovens ao redor do mundo, que estão se juntando ao Estado Islâmico. A gente sabe que tem mais de 20 mil jovens, de mais de 80 países, que estão indo para lá, lutar ao lado disso. Mas, será que essa mensagem não é radical? Como é que atrai eles? Atrai por algumas questões, algumas realidades do mundo de hoje. O mundo islâmico é

composto de 1,6 bilhão de pessoas e 62% dessas pessoas têm até trinta anos de idade. Ou seja, elas nasceram e cresceram assistindo o choque do 11 de setembro. E, provavelmente, um choque de valores (e, talvez, tem gente que diz aí, de um choque de civilizações). Então, eles se perguntam: que identidade, quem sou eu? Faço parte do quê? Eu sou alguém que faz parte desse grupo radical, desse lado radical que quer estar ali lutando contra o Ocidente? Ou, não? Ou, sou alguém que está, simplesmente, sem saber qual é a minha posição? Aí, quando eles assistem essas imagens, eles pensam: essa é a minha turma. É o pessoal igual a mim. É a minha identidade, o meu grupo, que está nessa guerra. É a minha oportunidade de ir lá e lutar a favor disso.

Então, ao mesmo tempo que ele repele os inimigos, ou manda um recado para os inimigos, ele atrai outras pessoas. Não dá para você ganhar uma guerra, ou ganhar poder, sem atrair mesmo quem está lutando com você. Senão, essas pessoas vão perder o apelo e você não vai vencer.

Então, tem duas mensagens diferentes, para públicos diferentes. E tem uma série de simbolismos por trás de todas essas mensagens, direcionados às vezes para os inimigos, às vezes para aqueles que eles querem seduzir. A primeira delas é: porque será que está todo mundo usando os macacões laranja? Por causa de Guantánamo. Os prisioneiros de Guantánamo estão vestindo aquela roupa.

A última decapitação (não a última, mas uma das mais recentes) agora contra os egípcios no Mediterrâneo: por que aquilo foi feito no Mediterrâneo, de frente para o mar? Porque eles estão dizendo “Olha, nós vamos chegar até Roma”. O mais perto que eles estão aí é do Mediterrâneo. O Bin Laden foi sepultado no mar. Então, eles mandam um recado: olha, nós também vamos sepultar os seus aliados, os seus compatriotas, “do mesmo jeito que vocês fizeram com o meu.”



...a gente tem dois tipos de poder: (a) o Hard Power, que é a força bruta; e (b) o Soft Power, que é a força de atração, o poder de conquistar

Então, o Estado Islâmico está fazendo isso propositalmente e estrategicamente. Ele tem toda uma estrutura de mídia e, às vezes, a gente nem sabe disso. O Twitter é importantíssimo nessa estratégia de Soft Power, de conquistar as pessoas. Existe um app do Estado Islâmico que você baixa e aí ele toma conta da sua conta e começa a replicar as mensagens que eles querem. Eles têm revistas publicadas, jornais, os vídeos todos: não só os que a gente assiste violentos, mas os outros que servem para atrair esse jovem, que mostra como é o dia-a-dia da vida ali. Não são vídeos violentos. São vídeos de: ah, nós somos aqui uma irmandade, todo mundo junto, migramos para cá e viemos combater os nossos inimigos comuns”. E são vídeos leves, agradáveis supostamente. Tudo isso está inserido nessa estratégia de poder, mas a gente não pode descontextualizar o que está acontecendo no Oriente Médio. Acho que o Guga vai até falar mais disso aprofundado, mas a ideia é que de repente alguma coisa que choca a gente

tanto: o Estado Islâmico está decapitando as pessoas. A gente tem que parar para pensar que duas das grandes potências da região, que representam duas das grandes facções religiosas, a Arábia Saudita e o Irã, compartilham das mesmas práticas. A Arábia Saudita decapita pessoas hoje. O Estado faz isso. O Irã mata centenas. Ele apedreja mulheres. Então, você tem práticas de Estados, que representam essas facções e que financiam grande parte dessas organizações terroristas, que se comportam dessa forma, desrespeitando os direitos humanos. Então, isso não seria uma novidade. É curioso que o Estado Islâmico traz isso de uma forma que agora está todo mundo prestando atenção. Mas, isso é uma prática comum de dois dos grandes regimes, Arábia Saudita e Irã, dentro de uma região extremamente instável. Se você tem essa realidade, é difícil você resistir ou contrapor essa mensagem de medo, de violência, de não tolerância. Então, no final das contas, para a gente combater essa propaganda, é preciso entrar dentro desses países e alterar

essa percepção da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa. O Oriente Médio é uma das regiões menos livres. A Síria é o país onde os jornalistas são mais perseguidos no mundo hoje. Então, você tem uma situação que favorece a ascensão de um grupo como esse, com esse nível de violência. E, se a gente quiser tratar, a gente tem que combater o Estado Islâmico tanto no Hard Power quanto no Soft Power. E o Soft Power vai demandar um discurso novo, um discurso de abertura. Você tem uma democracia, você precisa liberar as pessoas para conversarem. Só assim elas vão ter tolerância.



JOÃO MATTA

Logo depois que aceitei o convite de estar aqui, fiquei pensando um pouco no título, a Propaganda do Terror, e o que foi inevitável, não deu para deixar de pensar o que de medo que eu já tenha passado em algum momento da vida. Entre outros medos, escolhi para contextualizar aqui um acontecimento que ocorreu comigo em 2011 durante meu doutorado sanduíche em Londres.

Era agosto de 2011. Eu saí com a minha esposa (a gente estava comemorando aniversário de casamento), reservei um restaurante francês em Covent Garden e fomos jantar. Na ida, todo mundo que já esteve em Londres sabe bem o que estou falando. No domingo, o metrô é extremamente lotado. E o metrô, aquele dia, estava vazio na ida. E a gente feliz, íamos jantar, não estávamos entendendo o que estava acontecendo.

Jantamos, passeamos romanticamente pela beira do Tâmisa e os dois dizendo: “hoje, Londres nos premiou com um Tâmisa vazio, um London Eye vazio”. Aí nós voltamos de metrô para casa. Mais vazio. Chegando em casa, liguei a BBC e Londres estava em chamas. Eram as riots de agosto, aquelas tragédias que aconteceram. E aquilo foi, de uma forma, extremamente, logicamente, assustador. Nos próximos dias, a gente ficou acompanhando. O difícil era falar com nossos familiares aqui no Brasil que estava tudo bem, que não era Londres inteira, que nossa casa não estava naquilo. Porque, quando você olha pela televisão, o impacto é grande. E a sensação que existia é de que Londres inteira estava sob chamas.

Mas, o que é interessante é perceber que a mídia (a televisão, enfim, as imagens daquele momento) é meio metonímica, ou seja, dá uma ideia grande de parte pelo todo e a hora que você olha a imagem não dá para explicar

os bairros da Zona Norte, da Zona Sul da cidade, se a Zona 3 é perto ou é longe. Dá uma ideia de uma dimensão muito maior isso tudo. E se a gente pensar no conceito de mídia um pouco mais abrangente (os antropólogos ingleses chamam de poli-mídia ou cultura da mídia, do Kellner, enfim, a mídia como um conglomerado maior do que só logicamente o jornalismo, a linguagem jornalística e a televisão.

Pensar no cinema, por exemplo), você tem uma história do cinema americano e de filmes que são, às vezes, pouco sucesso de crítica, mas bilheterias enormes, desde os anos 80 e 90 até hoje, que trazem didaticamente formas de exposição de poder, formas de jogos de poder. Estou falando mesmo de Top Gun, Comando Delta, com Chuck Norris, umas coisas todas fantasiadas de heróis, de super-heróis, mas que traziam inimigos bem rotulados do outro lado e como lidar e como passar uma hegemonia, uma força e um poder didaticamente mesmo, como é feito isso midiaticamente.

Tem outro filme também. Acho muito bom o nome: Águia de Aço. Era um filme que um cara vai resgatar o pai na Arábia. Mostra muito como o cinema pode ser uma máquina ideológica muito forte. E se você vem caminhando: Sylvester Stallone foi um grande apresentador dessa questão ideológica que estou querendo dizer, enfim, dos Rocky Balboas até chegar no 4, onde ele está dentro da União Soviética, em Moscou, que ele reverte a plateia inteira para ele e fala: “você conseguem mudar”, e vai com a bandeira americana, coloca lá em cima, enfim.

Você tem uma exposição de poder na mídia, no cinema e em outros lugares também, que está sendo usado agora pelo Estado Islâmico, ou outras forças, para a apresentação de poder. E o Twitter, enfim, as redes sociais, vão nessa mesma linha. A gente tem a campanha do Obama. Foi a campanha, no mundo, de maior repercussão e de bom uso das redes sociais como ferramenta.



...Porque, quando você olha pela televisão, o impacto é grande. E a sensação que existia é de que Londres inteira estava sob chamas...

E nós ensinamos, a campanha do Obama ensina o mundo didaticamente como fazer e a gente está vendo que tem sido usado um poder muito desse terror, seja lá o que for isso. Entendo mais do que está antes do terror, que se chama propaganda. Está sendo usado esse poder de forma ideológica e de forma forte de mostrar quem manda, que o que vai acontecer, didaticamente, é isso, isso e isso. Nós estamos nesse mundo da mídia e o outro lado, se a gente pode dizer assim, também está.



...a Primavera Árabe mostrou uma lista muito grande de personagens, de protagonistas, que aquela primeira leitura maniqueísta não permitia.



LEÃO SERVA

Sobre esse tema, eu queria destacar três coisas que acho curiosas. Uma é que tudo isso que a gente está assistindo hoje, eu diria que esse capítulo da história começou de três a quatro anos atrás com a chamada Primavera Árabe. E, naquela época, a cobertura da imprensa brasileira, principalmente, mas também em grande parte do mundo foi uma cobertura muito pobre: uma cobertura que vendeu os conflitos como se fossem conflitos maniqueístas, conflitos de dois lados (os democratas contras as ditaduras), e que, então, naturalmente, à medida que os ditadores caíam, viriam os regimes democráticos e essa oposição democrata tomaria o poder. E o que a gente viu, que talvez só na Tunísia tenha tido um desenvolvimento parecido com esse roteiro, houve uma eleição e uma democracia está começando a se constituir ali. Não sei se terá uma duração muito grande, mas é o único país que teve esse desenrolar. Em todos os outros, a Primavera Árabe mostrou uma lista muito grande de personagens, de protagonistas, que aquela primeira leitura maniqueísta não permitia. É história semelhante a que assisti na Guerra da Iugoslávia, porque também, vista da imprensa brasileira, ali você tinha uma guerra de três partes: sérvios, croatas e muçulmanos. E, quando você chegava lá, era tudo muito mais complicado. Desde logo havia, por exemplo, uma guerra civil entre croatas, que acontecia na Bósnia. Então, isso eu acho que contém uma aula muito importante para quem estuda jornalismo, para quem quer ser correspondente de guerra, ou para quem quer ser um jornalista de política internacional, ou para quem faz Relações Internacionais,

porque a vida na verdade é sempre assim muito mais complicada, e os fatos são sempre muito mais complicados do que essa leitura dual ou maniqueísta, que muitas vezes a imprensa, até muitas vezes, talvez, tentando um didatismo, faz. Então, esse é um aspecto que eu acho importante.

Outro aspecto que eu acho importante é que o terrorismo ataca sempre o centro. O terrorismo tem duas características, segundo os manuais de política, que são: (a) o terrorismo é uma prova de fraqueza, na verdade, e não de força; e (b) é uma tentativa de maximizar o efeito daquela pequena força. Então, exatamente, ele é, fundamentalmente, um procedimento publicitário.

Eu me lembro que eu morava na Inglaterra e cobria o conflito, como eles chamavam, na Irlanda do Norte. E, em algum momento, saiu uma reportagem no The Times que dizia que o governo inglês tinha percebido que, aparentemente, o IRA (o grupo terrorista, ou guerrilheiro, dependendo do ponto de vista) tinha chegado ao limite de sua capacidade de ataque, porque em uma grande explosão que aconteceu em Londres, eles tinham usado adubo químico como matéria prima de explosivo. E adubo químico é aquela coisa, digamos, muito tosca para construir uma bomba. Para preparar uma bomba com adubo químico é uma prova de que você não está tendo outros tipos de explosivos e outros tipos de suporte, talvez de dinheiro. E isso é muito interessante. Quer dizer, no entanto, o ataque terrorista que tinha acontecido nesse momento de fraqueza do IRA foi uma grande explosão no centro de Londres. Então, o terrorismo é, por essência, uma coisa assim: algum grupo de 10 terroristas consegue, por exemplo, fazer o atentado às Torres Gêmeas e maximizar e talvez criar o maior evento de mídia desse novo milênio.

cobertura. É uma aula, talvez, importante para jornalistas.

E, por fim, eu acho que tem uma coisa muito interessante em como esses grupos terroristas que surgiram nesse milênio são, eu diria que literariamente ou imageticamente, argutos. Assim como o 11 de setembro teve características assim que a gente olha e fala assim: nossa, que (tenho que usar o termo) genialidade de fazer um avião explodir na hora que as câmeras todas começam a filmar aquele incêndio, vem um outro avião e aí você percebe a gravidade e a magnitude daquele ato, daquela cena que foi construída num dia que cabalistas até hoje ficam analisando a numerologia que está por trás daquele atentado e assim sucessivamente.

E esse exército, o Estado Islâmico, ao fazer, ao usar essa cena de decapitar pessoas num vídeo que usa as redes sociais para potencializar o efeito, estão fazendo uma coisa muito interessante, um trabalho, um símbolo muito forte. Se a gente olhar, quando é que a gente lê sobre decapitação?

Uma decapitação muito famosa é uma cena bíblica com Judite e Holofernes. Holofernes é um líder assírio, os assírios cercam Israel, os israelitas estão completamente rendidos e Judite, uma mulher israelita, seduz o líder assírio e quando ele está inebriado, bêbado ou mesmo dormindo, ela vai lá e corta a cabeça e mostra para os assírios, que, arrasados por aquela demonstração de força, fogem e libertam o país. Também Davi, depois de matar Golias, decapita Golias e, com isso, dá aquela amostra de força daquele pequeno líder judaico, que acaba de derrotar aquele gigante inimigo de seu povo.

Em todas as crônicas, sempre há uma associação muito forte entre uma fraqueza, um ente fraco, que dá uma demonstração de imensa força contra uma potência estrangeira ao tirar a cabeça de um representante dela. Então, acho que eles estão usando isso de forma muito publicitária, propagandística, muito inteligente e é curioso, quer dizer, acho que tem uma leitura rica que se pode fazer desse uso, eventualmente, para evitar a potencialização do seu efeito.

E aí, o que você faz? A mídia nesse momento é refém do terrorismo, porque, evidentemente como é que você vai não cobrir aquele ato ou aquele atentado que, evidentemente, maximiza a fraqueza de um grupo terrorista. Isso é muito impactante e é muito importante, também para reflexão, durante a nossa



PEDRO DE SANTI

Quando eu fui convidado para este debate, a primeira imagem que me ocorreu foi a lembrança do final de 2006, quando Saddam Hussein foi enforcado. Depois de uma longa história de duas gerações da família Bush, ele é, então, esse terrível ditador, que é encontrado e enforcado. E, nesse enforcamento, alguém filmou com o celular. Diz a lenda. E, filmada pelo celular a execução, o enforcamento do Saddam, isso virá um viral, instantaneamente.

Em certo sentido, isso me evoca o que eu vejo hoje, que é essa mistura neste tema entre propaganda e terror. Eu achei que deveria contribuir melhor como psicanalista. Acho que o efeito disso combina basicamente uma violência muito primitiva, uma conectividade muito contemporânea. Não passa por imprensa, não passa por mídia. Certo canal pode escolher transmitir ou não, mas está na rede. Independente da transmissão de um instrumento de imprensa, todo mundo vai poder ver. Então, a violência é primitiva, a conectividade é contemporânea e a nossa morbidez é eterna. Essa é segura. Essa realmente, a qualquer momento, está ali.

O que está sendo propagado? Terror. E aí, num certo sentido, a propaganda é feita do terror e pelo terror. O que está sendo propagado é o terror, nesse sentido, e o instrumento é o próprio. E o que é terrível (aí o papo é de psicanalista, que eu uso, porque é o meu) é o irresistível, na realidade. Existe algo de extremamente poderoso e praticamente irresistível nesse vídeo. E é por isso que ele apela, como boa propaganda sabe fazer.

Também nessa ideia do irresistível, do terror, eu me lembrei de uma historinha

clássica, dessas histórias do mundo moderno, que era uma história de Londres. Que é assim: do século XVII até o meio do século XIX, as execuções públicas eram feitas ali (os enforcamentos) do lado da Torre de Londres e eram um sucesso de público, eram uma grande festa. Vinham excursões da Inglaterra inteira para assistir enforcamento. É incrivelmente irresistível. E, de alguma forma, ao longo do século XIX, isso foi gerando um constrangimento. Do século XIX para o século XX, os países ocidentais, mesmo aqueles que mantêm penas de morte (os estados americanos que tenham), vão tendendo a fazer uma execução mais higiênica, discreta, sem público, menos horrorosa visualmente. Mas, de alguma forma, é preciso disfarçar o constrangimento pelo gozo do terror. As pessoas gostam, ok? Senão, a propaganda não funciona. Pra sentido muito grosseiro, e direto, a eficácia está no irresistível. De alguma forma, é muito difícil, como estava falando com o Trevisan outro dia. Ele falou que qualquer pessoa que diz “não, imagina, não vou dar público”, no seu celularzinho, pode dar uma olhada. É muito poderoso. E o que é, então, os vários elementos de poder nessa imagem? Um dos elementos é o poder do real, ok? A gente vive em um ambiente de absoluta representação. Isso é assunto constante de todos nós. Então, a ideia de você estar vendo alguma coisa real, e que esse real seja a morte (eu chego em um instante aí, mas é o mais real possível: o real da morte de alguém), tem o poder de varar a representação. Isso não é representação. Isso não é filminho. Tem gente ali morrendo.

Então, a gente tem uma potência de realidade, que atravessa completamente a nossa saturação de filmes e torna isso o verdadeiro, e horrível, reality show. Isso é a realidade. Então, existe essa dimensão do real. A outra, que é muito importante, que o Heni falou, que eu acho essencial nisso, é a questão da



manifestação de força que isso tem. É claro que é um grupo terrorista. O Leão foi perfeito: o terror é coisa de quem está fora do jogo constituído. Em todo caso, a impressão de força é muito atraente para quem está na Europa também.

A minha lembrança aí foi também como imagem (talvez vocês se lembrem): não me lembro agora há quantos anos, o primeiro Tropa de Elite. Quando o diretor queria dizer que o Capitão Nascimento, fundamentalmente, não queria mais ser o Capitão Nascimento A história do filme é ele jogando a bola com o Matias. No entanto, a imagem do Capitão Nascimento dizendo “missão dada, missão cumprida” foi muito poderosa.

...Acho que o efeito disso combina basicamente uma violência muito primitiva, uma conectividade muito contemporânea...

Quem, no mundo, pode dizer “missão dada, missão cumprida” Quem no mundo da democracia, da política, da negociação, intrínsecas a esse jogo de democracia, tem poder para falar sozinho? A gente conquistou a democracia. É um bem precioso. É precioso demais. Mas, nesse jogo da democracia ninguém tem o direito de falar sozinho. O poder de cada um é mitigado, é matizado pelo poder do conjunto. Todo mundo quebra sua potência. Isso é necessário para o convívio, mas falta. Aí o apelo da imagem de força é muito grande: neonazismo nos anos 80, na Europa, nos países que foram detonados pelo nazismo. Isso é muito atraente. Então, esses jovens todos, primeiro têm suas origens islâmicas, têm histórias de exclusão na Europa, que tornam tudo isso muito atraente também. Mas, em um mundo de representação, em um mundo difícil, cansativo, de democracia, uma imagem de poder simples e puro, o poder real, simples e puro, efetivado em um degolamento, é muito prenhe. É irresistível.

Eu imagino, portanto, que a eficácia esteja exatamente nisso e no elemento provocativo. Há uma propaganda, sequestros, chantagem, resgate, tem financiamento, tem manifestação de

força. E é claro, nós somos chamados. Como ver aquilo sem se sentir chamado a intervir? Isso está acontecendo. Eu vi ontem. Eu vi uma fotinho (eu não vi o vídeo) de uma criança de 11 anos executando. Não era nem sendo executada. Era executando. Quando o Heni fala “essa população tem até 30 anos” significa uma geração ou duas para esse negócio rodar, no mínimo. Isso é uma convocação. Também imagino que tenha (sem saber, sem ser informado sobre o Oriente Médio. Eu não sou, definitivamente) uma provocação, me parece: “Venham!” Uma instigação e para cada um de nós uma convocação também. Não é possível ver aquele horror sem reagir.

Então, para terminar, alguns instrumentos de mídia acham que a resposta é não transmitir e não ver, porque o poder, a eficácia, está em você ver. Então, não transmite. Já o outro transmite, dizendo: “é preciso ver para poder reagir, para você ver que é real e ir lá reagir”. Vai ser um pouco da polêmica também de como se responde a isso. Se a resposta é não dar IBOPE por assim dizer ou essa composição de Soft e Hard Power, que o Heni falou também.





GUGA CHACRA

A primeira coisa é que a gente está falando muito do terrorismo, do grupo ISIS, do grupo Estado Islâmico e temos que lembrar que o grupo ISIS não cometeu, até agora, nenhum atentado no Ocidente. Continuam com zero. Mas, cometeram atentados na Síria e no Iraque, especialmente contra alvos do regime do Bashar al-Assad, contra outros grupos sírios e também, especialmente, contra o governo do Iraque. Mas, no Ocidente, até agora, zero. Os atentados que a gente viu não foram cometidos pelo ISIS.

O atentado lá em Sydney, na Austrália, foi um biruta. Isso é patológico. Ele realmente era biruta. Aquele que entrou naquele café. O atentado contra a Charlie Hebdo, em Paris, foi um atentado contra um alvo específico e eles teriam sido treinados pela Al Qaeda na Península Arábica, que é um outro grupo, não é a mesma coisa que o ISIS. Na Dinamarca, o terrorista sequer era religioso.

E a gente tem que lembrar que o terrorismo, hoje, nem é tão grave. No ano passado, os EUA não tiveram nenhuma morte por terrorismo. Aliás, dá até para ir mais longe. Desde 2001, quando teve o 11 de setembro, em território americano, ocorreu um atentado terrorista, que foi o atentado da maratona de Boston, que foi cometido pelos irmãos Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev, mas eles não pertenciam a nenhuma organização e mataram três pessoas. O 11 de setembro matou três mil.

E, mesmo na Europa, que a gente tem visto agora a França, a Dinamarca. Explodiram os metrô de Londres 10 anos atrás. Explodiram a estação Atocha de trem em Madri cerca de 10 anos atrás. O terrorismo era muito mais forte 10 anos atrás no Ocidente.

Hoje, de fato, dá até para dizer ... Pode ter um atentado na semana que vem. Não estou dizendo que não vai ter. Quase até teve nos EUA, em Detroit, mas conseguiram evitar. Também na Times Square (imagina se tivesse ocorrido), mas conseguiram evitar. Mas, o fato é que, por um motivo ou outro, foi evitado. Então, até dá para dizer que aquela Guerra ao Terror, iniciada em 2001, tem obtido resultados satisfatórios. Não tem morrido muita gente. Na prática, nos EUA, zero em 2014. Em 2013, três.

...a gente tem que lembrar que o terrorismo, hoje, nem é tão grave. No ano passado, os EUA não tiveram nenhuma morte por terrorismo.



Em 2012, 2011, 2010, praticamente nenhum. Teve também Fort Hood, um atirador, teve alguns atentados, mas daí é uma coisa que não é aquele atentado terrorista que a gente está imaginando de uma pessoa chegar e se explodir. Isso daí diminuiu.

Diminuiu, inclusive, em Israel. Israel, na época da Intifada, entre 2002 e 2004, era atentado toda semana. Era atentado contra casamentos em Haifa, era atentado contra cafés em Jerusalém, contra boates em Tel Aviv. Esses atentados, também, não acontecem muito mais.

Porém, em outras partes do mundo, sim, o terrorismo tem crescido. Há tanto o terrorismo quanto a guerrilha. O grupo Estado Islâmico, o ISIS, não é um grupo terrorista especificamente. Não que isso seja bom ou ruim, mas é uma guerrilha que quer criar um Estado, um Califado deturpado. Afinal, os califados anteriores eram muito mais tolerantes (o dos Omíadas e o dos Abássidas) do que o que a gente vê esse grupo levando adiante.

Então, não é aquele grupo terrorista que a gente imagina, como a Al Qaeda é. A Al Qaeda eram células terroristas ... o Heni fala disso muito bem, é a especialidade dele ... mas era um grupo terrorista que planejava atentados e realizava contra as embaixadas americanas na África, contra o USS Cole, contra o 11 de setembro, Madri, Londres, a boate em Bali e outros atentados. Nesse momento, a Al Qaeda está fracassando, mas eles cometem esses atentados que eu falei: na Síria, no Iraque, o Irã foi alvo de atentado de uma das frentes da Al Qaeda (a embaixada do Irã em Beirut, que pouca gente fala). O Líbano ainda sofre alguns atentados, mas nada que seja grandioso. O Iêmen que tem atentado em larga escala, o Iêmen realmente sofre com atentados. Na Nigéria, o Boko Haram não é bem atentado, é mais como o ISIS, que é um movimento de guerrilha.

Então, é interessante como a propaganda consegue fazer as pessoas terem medo de algo que não ocorre. A coisa que mais mata no mundo, em termos de violência, é suicídio: mais do que guerra e homicídio somados. Então, o grande problema é suicídio. Na questão das decapitações, em que eles usam muito bem a propaganda, o México também faz decapitações (aqueles grupos, os ETAs, fazem decapitações em larga escala). Queimar pessoa viva, a gente sabe a existência (citamos aqui o Tropa de Elite) do microondas, que tem lá nas favelas brasileiras. Então, isso existe no Brasil: um país que mata mais, que tem mais violência, do que todos os países do Oriente Médio, menos a Síria, nesse momento. Morrem mais pessoas

por homicídio no Brasil do que pela Guerra do Iraque, nesse momento. E não precisa, mesmo na Síria ... porque guerra (isso o Leão sabe bem), guerra não é em todo lugar, o tempo todo. Você vai para a costa mediterrânea da Síria, para Tartus e Latakia, não está ocorrendo guerra. Em Damasco, há conflitos no subúrbio, mas o centro de Damasco não tem problema. A estrada que liga Damasco à fronteira com o Líbano (é perto, são trinta minutos de carro), ali não morreu ninguém desde o começo da guerra na Síria. Você pode ir tranquilo. Tenho um amigo, que é brasileiro, que vai constantemente à Síria, passa o final de semana em uns hotéis muito chiques, porque está barato e ele mora em Beirut. Então, assim, não é essa a questão.

E a outra coisa importante da guerra é que guerra acontece de repente. A Síria ... a gente acha que as pessoas estão se matando lá há muito tempo e sempre se mataram. A Síria era um país estável até 2011, onde os diplomatas ocidentais gostavam de ir morar, porque tinha segurança para os filhos. Meu pai, minha mãe, meu irmão, minha tia e meus primos estavam em Damasco em fevereiro de 2011 passeando. Eles foram para o Líbano (eu tenho origem libanesa), mas meu pai é fanático por Damasco. Eu também adoro Damasco. A cidade velha de Damasco, meio Mil e Uma Noites, é um lugar que era muito legal, ainda é, de uma certa forma. Eles estavam lá passeando. E, de repente, virou essa guerra super sanguinária e explode assim como a guerra nos Bálcãs, que o Leão cobriu. De repente, estoura uma guerra, como na Ucrânia

agora. E isso é até perigoso: pode ocorrer guerras em qualquer lugar do mundo.

A segunda questão que eu gostaria de falar é em relação aos muçulmanos. São mais de 1 bilhão de muçulmanos no mundo, com várias correntes do Islamismo, com vários graus de religiosidade ou não. Eu sempre gosto de comparar (é bizarra a comparação, mas...) com a torcida do Palmeiras. Eu sou palmeirense. Tem cerca de 10 milhões de palmeirenses, eu não sei quantos tem. Alguns são fanáticos, outros não são. Alguns vão ao estádio, outros não vão. Alguns veem os gols, outros não veem. Alguns pertencem a torcidas organizadas, como a Mancha Verde, gritam no estádio "corinthiano vai morrer", mas eles não vão matar corinthiano. Dentro da Mancha Verde, pode ter alguns até que nem são tão fanáticos e outra pessoa, que está em outro lugar da arquibancada é mais fanática. E daí, dentro da Mancha Verde, tem um grupo que é mais fanático, mais violento, e, desses mais violentos, uns quatro ou cinco vão matar, de fato, o corinthiano saindo do estádio. Dentro do Islamismo, existem vários graus de religiosidade (alguns mais, outros menos), alguns vão às mesquitas todos os dias, outros só às sextas-feiras, outros nunca vão. Muitos jejuam no Ramadan, outros não jejuam. Alguns são bem religiosos, algumas mulheres cobrem a cabeça, outras não cobrem. Alguns têm um discurso fanático, mas nem por isso levam adiante a violência. E há grupos violentos, e, dentro desses grupos violentos, em algum momento, surge a violência.



Mas, é muçulmano. Por exemplo, se você dizer: “ah, os muçulmanos da França são terroristas”. Bom, dá para falar o mesmo de jogadores de futebol muçulmanos da França. O Zidane é muçulmano: o melhor jogador de futebol da história da França. O Benzema, craque da França na última Copa, é muçulmano, assim como vários outros jogadores da seleção francesa. Na Copa anterior era o Ribéry o craque da França, que também é muçulmano. O jogador de basquete que fez mais pontos na história da NBA é o Kareem Abdul-Jabbar: também muçulmano. O maior boxeador da história, Muhammad Ali, também é muçulmano. A maior atriz pornô do mundo, Mia Khalifa, também é muçulmana. Então, muçulmano pode ser tudo. Se você vai para os EUA (o Heni morou lá e sabe disso), você vai estudar com muçulmanos e tem de tudo: tem pessoas que são mais religiosas, tem pessoas que, realmente, podem até comemorar um atentado terrorista, tem outras que acham repugnante um atentado terrorista. Varia de pessoa para pessoa. Se você vai para o Líbano, vai ter uma menina na mesma família, que uma é super religiosa (que não apoia o terrorismo, mas cobre a cabeça, tudo ...) e quer casar cedo, e outra que vai para aquelas baladas surreais que existem em Beirut, que é mais forte do que São Paulo, tenha certeza disso, cai na balada, bebe, usa drogas e está na mesma família. Em Londres, que ele estava falando, um irmão pode trabalhar no J.P. Morgan e o outro irmão pode, realmente, simpatizar com grupos terroristas e, talvez, até ir lutar com o ISIS. Então, é uma coisa assim, que não tem como generalizar.

E a outra questão, sobre a guerra do Ocidente contra o Mundo Islâmico. E lembrando que o Ocidente não considera o Brasil como ocidental ... isso tem que ficar claro ... quando você fala com um europeu, um americano, um francês, o Brasil não é bem Ocidente, é meio derivado do Ocidente, mas isso não

interessa ... não tem uma guerra ... um libanês, por exemplo, um libanês cristão, o Líbano tem uma população cristã expressiva que se acha ocidental. 100% ocidental. Eles falam francês, eles falam inglês. Eles vão a liceus franceses. Quase todo libanês, não só cristão, vai a liceus franceses. As universidades no Líbano: ou você vai para a AUB, que é a American University of Beirut, ou para a LAU, a Lebanese American University, ou a l'Université Saint-Joseph, uma universidade francesa, ou para a Notre Dame, que é uma universidade francesa também. Eles estudam nesses lugares. O brasileiro não tem essa mesma ligação. Tem uma amiga em comum - minha e do Heni - que fala seis línguas, fez colégio francês, faculdade na AUB, foi estudar nos EUA. Super ocidentalizada. Aonde que ela não é ocidental na cabeça dela? O pai dela tem empresas na Califórnia. Quer dizer, não tem essa questão. Então, não tem essa coisa de “ah, o Ocidente”. Lá eles se sentem de uma certa forma, em alguns países, até ocidentais. Não em todos. Na Arábia Saudita não é.

Aí a gente entra nessa divisão de países. Os países lá são muito diferentes. Eu citei aqui o Líbano. O Líbano é um país que o papa foi agora em fevereiro e a Faraya estava bombando, que é a estação de esqui, porque estava nevando muito lá no Líbano. Entendeu? Eles estão falando de coisas assim. Tem a guerra do lado, lá na Síria, mas é um país super aberto nesse sentido. É liberal. A Tunísia é relativamente liberal. O Marrocos. Vai variando. Agora, se você vai para o Golfo, são países mais conservadores. Na Arábia Saudita, mulher não pode dirigir, o Heni falou daquelas execuções. Mas, isso é na Arábia Saudita e, em menor escala, em outros países. No Iêmen, também há um conservadorismo muito grande. Mas, você não pode dizer que seja assim em todo o mundo árabe. Muito menos, em todo o Mundo Islâmico. As mulheres, realmente, são tratadas como cidadãs



de segunda classe em alguns países islâmicos? São. Mas, a Turquia teve uma primeira-mulher, a Tansu Çiller, o Paquistão teve uma primeira-mulher, a Benazir Bhutto, em Bangladesh foram duas candidatas mulheres a presidente e elas são muçulmanas. Então, vai variando muito. Pode beber? Bom, o Líbano tem aqueles vinhos do Vale do Bekaa. Na Síria, eles têm orgulho de fabricar o arak, que é uma bebida de anis. Os sírios bebem. Bebem bem lá em Damasco. Em Damasco, tinha lá uma praça que até se tolerava o uso de drogas, pré-2011.

Aliás, na Síria e no Egito, por um período, até os anos 70 ... a questão do Islamismo radical é recente. A gente não pode esquecer que a Al Qaeda é dos anos 90. O ISIS é de 2013, ficou conhecido em 2014. O primeiro muçulmano sunita a se explodir na história foi em 1993. Xiita foi nos anos 80 e xiita não se explode mais. Não sei o motivo, talvez o Heni possa explicar isso melhor, mas xiita não se explode mais. Não tem mais atentado terrorista suicida cometido por xiita. Sunita ainda tem, mas não tinha antes de 93. É recente isso. Nos anos 50, os 60, os muçulmanos eram

chamados de maometanos no Brasil. Os muçulmanos eram associados às Mil e Uma Noites, às Odaliscas. Era sexy muçulmano. Era música de carnaval: “olha a cabeleira do Zezé. Será que ele é Maomé?”. Maomé estava ali. A música Alá, meu bom Alá, de carnaval. Era um outro cenário, que é clichê também, assim como é clichê achar que a mulher de burca, o terrorista. Então, tem muitas nuances em todos aqueles países. E o Leão também falou um pouco da questão ali da democracia. A Tunísia, de fato, é a única que foi para a democracia. O Líbano é uma democracia distinta, que tem umas divisões religiosas, onde o Estado praticamente inexistente e abre mão para as religiões com uma divisão equilibrada de poder: presidente cristão, premiê muçulmano sunita, presidente do parlamento muçulmano xiita, divisão do parlamento entre as religiões. Nos outros países, o Kuwait tem uma democracia ... tem grupos opositores. O Kuwait é surpreendente, pouca gente acompanha, mas, tem uma certa, não liberdade religiosa (é um país conservador), mas uma liberdade política. O Marrocos abriu relativamente. Mas, há outros países, realmente, que estão, ou continuam com ditaduras, monarquias absolutistas, como a Jordânia, que até o Ocidente adora, ou a Arábia Saudita. Ou são terra-

de-ninguém, como o Iêmen e a Líbia. Então, vai variando de país para país. Mas, é basicamente isso que eu queria deixar claro. O terrorismo já foi pior. Falo o terrorismo com viés islâmico. Porque na Europa, claro, teve o ETA, o IRA. O terrorismo com viés islâmico foi pior 10 anos atrás do que hoje, no Ocidente. Só que é muito pior, hoje, no Oriente Médio. A Síria não tinha atentado terrorista e, hoje, tem atentado terrorista direto. A questão dos muçulmanos, eu acho que é a coisa mais diversa, mais de 1 bilhão de pessoas. Só nessa sala, que são todos brasileiros, há uma enorme diversidade. Entre os muçulmanos, que são de vários países, de várias correntes, também há uma enorme diversidade. E, por último, a questão dos países árabes ... países islâmicos, muito mais ... temos que lembrar que nem todo muçulmano é árabe. A maior parte dos muçulmanos não é árabe. Só 20% dos muçulmanos são árabes. Iraniano não é árabe, paquistanês não é árabe, indonésio não é árabe. Aliás, a Indonésia é o maior país muçulmano do mundo, mas a Índia, mesmo que a maioria seja hindu, tem 200 milhões. Isso é mais do que qualquer país árabe. E nem todo árabe é muçulmano. Meus avós eram árabes, mas eram cristãos, assim como os pais do Michel Temer, vice-presidente da República, como os pais do Fernando

Haddad, prefeito de São Paulo, como os avós do Gilberto Kassab, ex-prefeito de São Paulo, como os pais do Paulo Maluf, ex-governador e ex-prefeito de São Paulo, ... São todos árabes, mas são árabes de origem cristã. Tem muitos árabes muçulmanos no Brasil, formando uma comunidade bem proeminente, e também tem os judeus de origem árabe. Os mais famosos: a família Safra, claro, mas também tem outros vários judeus árabes aqui no Brasil.

